

O  
P  
I  
N  
I  
Ã  
O

# McLUHAN VIVE!

EDUARDO STERZI\*

**RESUMO:** Os trinta anos de **Understanding Media** e a necessidade de releitura e revalorização da obra de Marshall McLuhan.

**PALAVRAS-CHAVE:** ` McLuhan  
Comunicação e Midiologia

**ABSTRACT:** Thirty years of **Understanding Media** and the need to reinterpret and reconsiderer Marshall McLuhan's work.

**KEY-WORKS:** ` McLuhan  
Communication and Media Studies

---

\* Estudante de Jornalismo na FABICO/UFRGS

“Hoje, depois de mais de um século de tecnologia elétrica, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço [...]”

Marshall McLuhan

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1994, o livro *Understanding Media* (no Brasil: **Os meios de comunicação como extensões do homem**, da Editora Cultrix, 1ª edição em 1970) completa 30 anos. Este aniversário deveria impulsionar todos que se dedicam ao estudo da comunicação a uma releitura da obra de Herbert Marshall McLuhan. A quase absoluta atualidade de suas formulações e *profecias* lança o seu pensamento, prospectivamente, em direção aos nossos dias. Nostradamus da era ultramoderna, apresentado na contracapa de **Guerra e Paz na Aldeia Global** como “O GRANDE PROFETA e filósofo das comunicações de massa”, McLuhan sempre foi um intelectual fascinante. Odiado por muitos, esquecido nas faculdades de Comunicação, é utilizado, inconscientemente, por todos. Pau-para-toda-obra, serve tanto para dar nome a um quadro do Fantástico (Aldeia Global), como para ter suas palavras bailando nas bocas de quem nunca leu seus livros, mas que o conhecem por expressões que criou, já incorporadas ao estoque do discurso social: “aldeia global” e “o meio é a mensagem” sendo as mais conhecidas.

O fascínio que as colocações de McLuhan exercem nasce, em certa medida, do fato de que o professor canadense é um “*pop star*” das idéias. A maioria dos intelectuais atua numa frequência diferenciada da do populacho. São aristocratas do pensamento. McLuhan não: é pop (e como disseram os Engenheiros do Hawaii — permitam-me um *popismo* mcluhaniano — “o pop não poupa ninguém”). Parte de uma **aceitação crítica** dos fenômenos que aborda, e não de pré-conceitos deformantes. A abertura à realidade é fundamental na construção de sua visada. Não o pouparam os comunistóides, e os acadêmicos obscurantistas, sempre desconfiados de sua presença incômoda. Todo conhecimento não classificável, não redutível a escolas e esquemas é varrido para baixo do tapete das ciências oficiais. O único crítico conseqüente e consistente de McLuhan parece ter sido George Steiner. Em **Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra** encontra-se:

“A objeção óbvia é o fato de [McLuhan] colocar a carroça diante dos bois. Qual é a evidência que existe no sentido de que a imprensa e o ordenamento tipográfico do mundo são causa e não a tecnicamente inevitável conseqüência da especialização e da redução da sensibilidade? Podemos afirmar, exceto por convenção romântica e utópica, que a era da comunicação oral e manuscrita possuía o dom da percepção integrada?” (Steiner, 1988, p. 262)

Uma crítica que não parte de visões *a priori*, dogmáticas, mas de uma leitura da obra, e da discussão de seus pontos polêmicos. Crítica dialógica contra crítica *diabólica*.

## 2 POLÍTICA

A visão de futuro de McLuhan espanta quando a cotejamos com os acontecimentos da política internacional recente. Mesmo quando o bloco comunista era *o outro lado do mundo*, a *face oculta*, McLuhan, em poucas palavras, desvendava-o à luz do “*fin de siècle*” televisual no qual vivemos, assinalando seu ambiente gerador, seus erros e suas possíveis saídas:

“O processo de mecanização começado no século dezoito, que levou ao desenvolvimento de ambientes de serviço — a imprensa, a estrada, as rotas postais — breve cresceu com o vapor e o trilho. Pelo meio do século dezenove o volume de serviços ambientais disponíveis para os trabalhadores da comunidade excedia de muito a escala de serviços possíveis de serem monopolizados pela riqueza individual. Ao tempo de Karl Marx, um ‘comunismo’ resultante de tais serviços de tal maneira superava a antiga riqueza privada e serviços contidos no novo ambiente comunal que era perfeitamente natural para Marx usar isso como visão traseira de suas esperanças utópicas. O paradoxo da pobreza em meio a abundância tinha começado. Mesmo os mais pobres viviam e vivem em sistemas multibilionários de serviços comuns. No entanto, a riqueza comunal desenvolvida pelas extensões mecânicas do homem foi logo ultrapassada pelos serviços elétricos que começaram com o telégrafo e que firmemente desenvolveram o ambiente informativo. Com o advento do ambiente de informação elétrica, todos os objetivos territoriais e objetivos de negócio e de política tenderam a tornar-se ilusórios. Hoje em dia o comunismo é coisa que está um século atrás de nós e nós estamos profundamente mergulhados na nova época de envolvimento tribal. Outro paradoxo se segue: com a tecnologia elétrica, um país atrasado como a União Soviética pode sobrepassar as tecnologias mecânicas mais velhas. Os países atrasados podem ‘ligar-se’ com eletricidade, tanto como os países altamente literatizados tendem a ‘desligar-se’” (McLuhan, 1971, p. 4-5).

A não-consciência do mundo elétrico contemporâneo apontada por McLuhan foi uma das causas visíveis da derrocada do império soviético. A liberdade chegou àqueles povos através das transmissões das redes de comunicação ocidentais. McLuhan avisara. Régis Debray, herdeiro dialético de McLuhan, não diverge, atualmente, ao dizer que impossibilitados de controlar as transmissões de TV do lado ocidental, os dirigentes da Alemanha Oriental viam a população emigrar pelos olhos todas as noites. E que os pés terminaram seguindo esse fluxo-fuga. O impacto dos novos meios determina uma política totalmente nova:

“Os sistemas de circuitos elétricos derrubaram o regime de ‘tempo’ e ‘espaço’ e despejam sobre todos nós, instantaneamente e continuamente

as preocupações de todos os seres humanos. [...] Os antigos grupamentos cívicos, estatais e nacionais tornaram-se impraticáveis. Nada mais distante do espírito da nova tecnologia do que ‘um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar’.” (McLuhan, 1969, p.44)

Não é por outra razão que o vice-presidente norte-americano Al Gore empenha-se pela criação de uma **superinfovia**, uma rede mundial de comunicação por computadores). Quem não se adapta às novas regras cai fora do jogo.

### 3 IDEOGRÂMICO

Essa visão aguda e nova, que faz foco no que se identifica como *forma*, e não no *conteúdo*, das informações, fez muitos enquadrarem McLuhan no rótulo vago do reacionarismo. Deve ser muito difícil, para quem vê as coisas pela ótica determinada pela escrita, lógico-aristotélica, linear e linearizante, engolir uma afirmação como essa (essencial para a “midiologia” mcLuhiana): “As sociedades sempre foram moldadas, mais pela natureza dos meios que os homens usam para comunicar-se que pelo conteúdo da comunicação” (McLuhan, 1969, p.36).

A essência de suas idéias é encontrada no fim-síntese de **Os meios são as mensagens**:

“... o ambiente que o homem cria torna-se seu meio de definir seu papel nele. A invenção da tipografia criou o pensamento linear, ou em seqüência, separando o pensamento da ação. Agora, com a TV e canções folclóricas, o pensamento e a ação estão mais próximos e o comprometimento social é maior. Agora vivemos de novo numa aldeia”. (McLuhan, 1969, p.185)

George Steiner diz que “**A Galáxia de Gutenberg** é um antilivro. Procura impor fisicamente a essência do seu próprio significado. Sua relação com modalidades tradicionais de argumento filosófico-histórico é deliberadamente subversiva.” (Steiner, 1988, p. 262). E o livro aludido por Steiner ainda pode ser considerado, visualmente, tradicional. É nos livros posteriores (**Guerra e Paz...**, **Os meios são...** e **Do Clichê ao Arquétipo**) que o aspecto gráfico começa a ser não apenas ilustrativo mas estruturador do que é exposto. Perturbador para quem está acostumado com a discursividade acadêmica. O método de McLuhan pode ser chamado de **ideogrâmico**. Fragmentos textuais, fotos, ilustrações, legendas e citações são dispostas nas páginas de forma a produzir, pelo choque e pela adição, uma resposta pensamental do leitor. Umberto Eco mapeou a arte *aberta*; McLuhan produziu **conhecimento aberto**.

“[McLuhan] propõe à seus leitores um perpétuo e irritante problema: o de continuar a ler. Mas esse é seu golpe de mestre: ao fazer de seu estilo

uma representação fiel das anomalias que observa no ato da leitura, na natureza essencial da comunicação humana, McLuhan atrai-nos para seu argumento. Renunciar a ele é deixar esse argumento sem refutação.” (Steiner, 1988, p. 257)

Décio Pignatari, tradutor de *Understanding Media* para o português, conta-nos uma historietta que ilustra, com precisão, o quanto os livros de McLuhan são diferentes dos produzidos pelo grosso do rebanho: “O editor de Marshall McLuhan, depois de examinar os originais de seu ora famoso *Understanding Media*, declarou que se arriscava a publicá-lo, mas que certamente teria sérios problemas de vendagem, pois o livro continha 75% de informação nova: o livro comercial ideal é o que contém apenas 10% de novidade...” (Pignatari, 1991, p. 78).

#### 4 “BRAVE NEW WORLD”

McLuhan soube ver o “*brave new world*” nascente, em que a televisão recuperaria o espaço da expressão/apreensão oral-auditiva da sociedade humana. Um exercício interessante seria confrontar os textos do professor canadense com textos de alguns dos pensadores mais badalados deste decênio. O urbanista francês Paul Virilio examina as mesmas questões lançadas por McLuhan há três décadas atrás. A diferença fundamental? O que em McLuhan era futuro, em Virilio é presente. CNN, Guerra do Golfo? Veja-se McLuhan em 1969: “A guerra total, verdadeira, tornou-se guerra de informações. [...] Hoje em dia, quando as guerras quentes se tornam necessárias, elas se travam nos quintais do mundo, usando velhas tecnologias” (McLuhan, 1969, p. 166). Régis Debray fundamenta sua **midialogia**, nova disciplina da Universidade de Paris, na confirmação e refutação dos preceitos mcLuhanianos, mesmo que muitas vezes a estes não se refira diretamente (Debray, 1993)

É inacreditável que possamos nos dar ao luxo de esquecer McLuhan. Discute-se muito, em círculos, na área da comunicação. Isto porque há uma cegueira voluntária que impede a assimilação das idéias deste professor nos meios acadêmicos. O culto às idéias da moda, da temporada, impede uma abertura a referenciais mais amplos. Talvez McLuhan não sinta falta da utilização de seus textos como combustível para discussões universitárias. O uso das expressões criadas por ele pela população e seus canais expressivos, para nomear os novos fenômenos do mundo é a verdadeira resposta que a ele devemos. Melhor estar vivo no *show da vida* e morto no espetáculo cadavérico das sorbonnes e sub-sorbonnes. Citando-o, podemos dizer que “Agora todo mundo é um sábio”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DEBRAY, Régis. **Curso de Midialogia Geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- 2 McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Nacional, 1977. 390p.

- 3 McLUHAN, Marshall. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971. 192 p.
- 4 McLUHAN, Marshall. **O meio são as massa-gens**. Rio de Janeiro: Record, 1969. 188 p.
- 5 McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 7ª ed., São Paulo: Cultrix, 1993. 407 p.
- 6 PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. São Paulo: 18ª ed., Cultrix, 1991. 121 p.
- 7 PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1973. 226 p.
- 8 STEINER, George. “Sobre a leitura de Marshall McLuhan”. In **Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 257-263
- 9 VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 160 p. (Coleção TRANS)